

Editorial*Viçosa: Universitária, verticalizada, popular, aberta*

A produção do espaço de Viçosa, localizada na Zona da Mata mineira, teve sua origem no século XIX, com a instalação do povoado às margens do ribeirão São Bartolomeu. A partir das primeiras décadas do século XX, a cidade começou a sofrer transformações que alteraram profundamente seu território, a partir da instalação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), idealizada pelo então presidente da República, o viçosense Arthur Bernardes. A cidade começava a marcar seu papel e ganhar notoriedade como “cidade educadora”, processo iniciado com a fundação de escolas de referência na região: em 1913, o Gynnasio de Viçosa; no ano seguinte, a Escola Normal Regional, transformada em 1917 na Escola Normal Nossa Senhora do Carmo.

Também contribuíram para essas alterações a instalação da ferrovia *The Leopoldina Railway* no centro da cidade, bem como a expansão da atividade cafeeira na região, que dinamizaram a vida econômica de Viçosa, trazendo diferentes populações e vivências sociais. Os ciclos de expansão da ESAV, com sua transformação em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) em 1948 e a posterior federalização, em 1969, transformando-a em Universidade Federal de Viçosa (UFV), também trouxeram significativas mudanças para o tecido urbano e social da cidade. Além da UFV, outras instituições de ensino superior surgiram na cidade, como a Univiçosa, e escolas de ensino fundamental e médio ganharam destaque nacional, caso do Colégio de Aplicação da UFV (COLUNI), várias vezes premiado como uma das melhores escolas do país. Ao longo do século

XX, as alterações no espaço construído de Viçosa se aprofundaram à medida em que as iniciativas de construção civil privada avançavam na cidade, aliadas a uma legislação urbanística permissiva e pouco zelosa com o patrimônio histórico municipal, que encontrava raros contrapontos, privilegiando uma malha urbana cada vez mais verticalizada e que se espalhava ao sabor dos negócios imobiliários.

A cidade de Viçosa chegou ao século XXI enfrentando inúmeros desafios relacionados ao crescimento de seu espaço construído e às atividades desenvolvidas em seu território. Este dossiê se originou da necessidade de debater essas dinâmicas segundo perspectivas que privilegiam sua análise histórica, social e espacial. Deste modo, reunimos nesta edição artigos de diferentes áreas do conhecimento a fim de compreender tais desafios a partir de uma perspectiva multidisciplinar, com o intuito de oferecer reflexões para o futuro.

O título do dossiê, nesse sentido, é oportuno, uma vez que faz alusão ao conceito elaborado por Richard Sennett no livro *“Building and dwelling: Ethics for the city”*:

No sentido ético, uma cidade aberta deve tolerar as diferenças e promover a igualdade, tendo como pressuposto libertar seus cidadãos daquilo que é fixo [...], criando terreno para a experimentação e expansão das experiências (Sennett, 2018, p. 9. Tradução nossa).

Entretanto, a referência inicial para o título da chamada é o blog “Viçosa, cidade aberta”, que esteve ativo entre 2008 e 2014, fruto do trabalho do arquiteto Aguinaldo Pacheco, que buscou pensar, ao longo de sua carreira, diferentes fórmulas de “acupuntura” urbana, a fim de tratar os problemas da cidade que escolheu para trabalhar e viver ainda na década de 1970. Da mesma forma que Sennett, Aguinaldo acreditava que o envolvimento ativo da população é capaz de promover vínculos verdadeiros com o espaço urbano.

Buscando seguir os eixos temáticos propostos na chamada pública desta edição, o dossiê está dividido em três sessões, a fim de abordar diferentes assuntos em cada uma.

A primeira sessão, **“A universidade na cidade”**, aborda os manuscritos relacionados ao papel da UFV na produção do espaço e de relações sociais em Viçosa. O primeiro artigo desta parte, abrindo o dossiê, é intitulado **“A Semana do Fazendeiro da Universidade Federal de Viçosa, entre memórias e transformações (2009-2019)”**, fruto da dissertação defendida por Carlos Pacheco dos Santos em 2023, que teve como objeto de estudo o evento de extensão mais longo e importante da instituição. O autor, como poucos, entendeu o impacto da UFV e de suas dinâmicas para a modelagem de Viçosa e da percepção que temos dela a partir do principal evento de interação entre a universidade e a cidade, momento em que os "muros invisíveis" que separam a Academia da população desaparecem. Trata-se de uma publicação póstuma em homenagem ao autor, a quem carinhosamente dedicamos esta edição.

O segundo artigo da sessão, **“Memória institucional e diversidade cultural: Uma análise crítica sobre os patrimônios culturais da UFV”**, de Roseli da Silva Felipe Lopes, articula reflexões sobre o conceito de patrimônio a fim de abordar as edificações protegidas da UFV e aquelas que não recebem manutenção da instituição.

Já em **“Patrimônio iconográfico da cidade de Viçosa”**, Eduardo Luiz dos Santos e Vanessa Cerqueira Teixeira apresentam incorporações recentes feitas ao acervo do Arquivo Central e Histórico da UFV e o papel desse material nas pesquisas que tratam características e transformações no tecido urbano de Viçosa.

A segunda sessão, **“Organizando a cidade”**, reúne artigos que têm como foco aparatos de ordenamento espacial, social e jurídico de

Viçosa. Esta parte é iniciada com o manuscrito “**Desafios do controle da produção do espaço urbano em Viçosa (MG)**”, no qual Ítalo Itamar Caixeiro Stephan analisa desafios de gestão urbana na cidade, a fim de responder às dificuldades enfrentadas na produção do espaço quanto à aplicabilidade da legislação urbanística em Viçosa.

Já “**Intervenções urbanas, reordenamento espacial e embelezamento: A construção do Calçadão Arthur Bernardes em Viçosa (MG)**”, de Luiza Oliveira Pacheco, apresenta considerações acerca da construção de um espaço público exclusivo para a circulação de pedestres no centro de Viçosa e as implicações dessa obra para a vida urbana.

Patrícia Vargas Lopes de Araújo faz uma análise sobre a criação da Câmara Municipal da Vila de Santa Rita do Turvo, povoado que deu origem a Viçosa, em 1871, a partir da investigação sobre o processo de constituição de suas posturas municipais em “**O papel das Câmaras Municipais na administração das cidades no século XIX e a configuração do município de Viçosa (MG)**”.

Dayse Oliveira Firmino investiga, em “**Funcionamento do Consórcio Municipal para Assistência da Criança e do Adolescente em Viçosa (MG)**”, a operacionalização do atendimento a menores em situação de vulnerabilidade e suas famílias, analisando as ações das entidades envolvidas.

Fechando esta seção, Lucas Berdague Correa e Luciana Bosco e Silva analisam a “**Gestão comunicacional urbana e a pandemia: As estratégias de Viçosa (MG)**” a partir das medidas tomadas pela Prefeitura Municipal de Viçosa a fim de conter os efeitos da pandemia do vírus SARS-COV-2 no ano de 2020.

A última sessão, “**Vivendo a cidade**”, aborda os diversos aspectos relacionados à experiência de habitar o espaço de Viçosa e as implicações sociais, políticas e territoriais envolvidas nessas questões.

Em **“Habitação estudantil: Análise morfológica de mudanças em apartamentos destinados a estudantes universitários em Viçosa (MG), de 1999 a 2022”**, Medelin Lourena da Silva e Maressa Fonseca e Souza analisam unidades habitacionais voltadas para o público estudantil, observando a qualidade dos ambientes e reflexos desses modos de morar na dinâmica urbana e imobiliária da cidade.

Em **“Territorialidade, memórias e cotidiano: Vivências sobre a feira livre da cidade de Viçosa, Minas Gerais”**, Charlene Aparecida da Silva e Victor de Souza Silveira analisam as dinâmicas contidas na experiência de feirantes e frequentadores do mercado de rua viçosense, buscando compreender sua importância para a sociabilidade e negociação em torno dos espaços da cidade.

Já em **“O Núcleo Colonial Vaz de Mello em Viçosa (MG) (1915-1930)”**, Ana Paula Santiago de Lima e Maria Isabel de Jesus Chrysostomo discutem as políticas de imigração vigentes no Brasil no início do século XX que permitiram a construção de uma colônia para estrangeiros (em sua maioria alemães) em Viçosa, buscando compreender os impactos dessa ocupação, que, embora breve, ainda se fazem presentes na paisagem da cidade.

Raíssa Santos Valeriano e Suelen Cecília Vieira Silva realizam, em **“Vozes periféricas: Os heróis que a mídia invisibiliza nas favelas de Viçosa”**, uma abordagem das periferias da cidade a partir de músicas produzidas por estudantes do Ensino Fundamental dos bairros Nova Viçosa e Novo Silvestre, a fim de analisar o histórico de reivindicações e lutas das populações desses espaços em relação à obtenção de condições dignas de moradia.

Finalmente, em **“Viçosa e sua origem: Uma perspectiva histórica sobre a formação da ‘nossa cidade’”**, Giovana Duarte Bracali faz uma revisão sobre o processo histórico de formação de Viçosa, analisando

as mudanças ocorridas em seu tecido urbano ao longo do século XX e as consequências refletidas no século XXI.

Na seção Estudos e debates, o artigo **“Os Seminários Corpo-Conhecimento e Corpo-Criatividade como experiência formativa junto à educação básica”**, de Ronaldo Rodrigues Mansur Ferreira, Andréa Bergallo Snizek e Rosana Aparecida Pimenta, analisa vivências desenvolvidas em um projeto voltado para reflexões e práticas sobre o uso do corpo na educação básica. Já em **“As margens carnavalescas da insurgência: Vínculos entre vira-latas e manifestações políticas no Chile”**, Ângela Cristina Salgueiro Marques, Gabriela Francine Camargo e Rubens Rangel investigam manifestações de rua ocorridas em Santiago, capital do Chile, e a composição de imagens de manifesto a partir da presença de cães de rua na construção de discursos de protesto.

Boa leitura!

Luiza Oliveira Pacheco
Angelo Adriano Faria de Assis
Patrícia Vargas Lopes de Araújo
Vanessa Lana